

ALEGRIA COMPULSÓRIA DE OUTRO MESTRE RUY E SEUS SETENTA ANOS

Jorge de Souza
Araujo¹

Começo com duas epígrafes que atendem melhor ao que penso neste instante de homenagem a um mestre cujas ações foram sempre temperadas pela congeminalidade de humanismo e tolerância. A primeira, de Voltaire em seu *Tratado da tolerância*: “Somos todos feitos de fraquezas e de erros; perdoemos reciprocamente nossas tolices”.

[1] Professor de Literatura da UEFS
- Universidade Estadual de Feira
de Santana (BA).
E-mail: <velhomaroto@bol.com.br>.

A segunda, bem mais recente, reproduz uma agudeza de pensamento a que só os legitimados pela intuição podem aspirar.

Entrevistada pelo jornal *A Tarde*, página B-1, de 27 de abril de 2013, às vésperas de ser empossada como militante da Academia de Letras da Bahia, Mãe Stella de Oxóssi assim se manifestou: “O que a gente não escreve o tempo leva”.

Creio ser assim pautada a atividade intelectual do educador e artista da palavra Ruy do Carmo Póvoas. Creio serem assim desenvolvidas as trajetórias do indivíduo e ser coletivo Ruy Kautulembá, militante e grão sacerdote de uma das primeiras religiões mais democráticas e afetivizadas dentre todas as praticadas no planeta. É certamente assim o poeta, o ficcionista, o ensaísta cujo percurso conhecemos desde o *Vocabulário da paixão* ao *Itan dos mais velhos* e dos ensaios como *Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco*, além de outros frutos com que o mestre aproxima de nossas retinas o universo generoso das infinitas possibilidades do ser cordial. Ruy acredita, como Voltaire, que o indivíduo humano é “sujeito à mutabilidade, ao erro”. Como Mãe Stella, crê que o respeito às diferenças é

o pilar mais seguro e duradouro para alcançarmos a plataforma da unidade na diversidade.

Ruy acredita, como Voltaire, que o indivíduo humano é “sujeito à mutabilidade, ao erro”. Como Mãe Stella, crê que o respeito às diferenças é o pilar mais seguro e duradouro para alcançarmos a plataforma da unidade na diversidade.

Conheço Ruy há quarenta e quatro anos, mais precisamente, desde 1969, quando ingressamos no primeiro ano do curso de Letras da antiga Faculdade de Filosofia de Itabuna. Juntos fizemos o vestibular, juntos cursamos todos os quatro anos de nossa formação terciomundista, quando

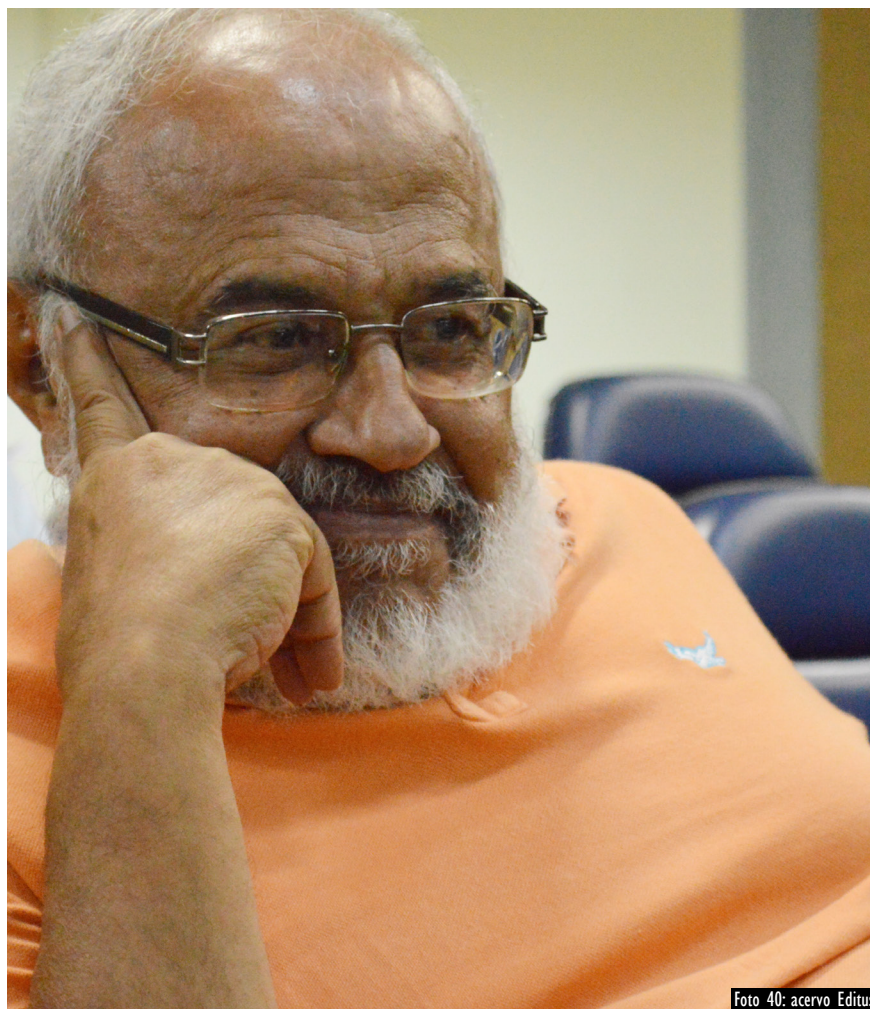
o regime seriado ainda não tinha sido golpeado pela ditadura. Tínhamos de nos suportar todos os dias de aulas, durante quatro anos encarando a aparente rudeza de Rivaldo Baleeiro, a jovialidade de Manoel Simeão da Silva, a extrema doçura de Maria de Lourdes Netto Simões, a empatia docente de Margarida Cordeiro Fabel e até a ranzinze desconfiada do querido professor de latim Aderaldo Rocha. Lembro-me ainda da mãe que escolhi, a santa de altar que atendia pelo nome de Valdelice Soares Pinheiro, que me deu, como madrinha de casamento, minha primeira máquina de escrever, e que nos permitiu, a mim e a Ruy, na condição de diretora da FAFI, nossa primeira experiência em curso de extensão, no antigo Instituto de Letras da UFBA, na Joana Angélica. Lá, Ruy se afirmou numa disciplina de Linguística Aplicada ao Português, enquanto eu conseguia a proeza de dormir em plena aula da temida professora Joeselice Macedo, depois de libações etílicas no Mercado Modelo num tempo em que Salvador ainda era uma cidade cordialíssima. Lembro-me de Ruy, num dia de trote (àquela altura ainda civilizado), vindo

de Ilhéus em trajes de legítima baiana de acarajé, com direito a torço na cabeça e balagandás nas orelhas. E do hoje membro da Academia de Letras de Itabuna, Rilvan Santana, medindo o pátio da Faculdade a palitinho de fósforo... Lembro-me de nossos colegas Iracema, Zezé, Rita, Irenildes, Clemilda, Isalcina, Gracinha, Marlene, Jurema, tantas e tantos que a memória hoje sexagenária já não registra tão condignamente. Lembro-me de uma prova da professora Tica, quando es-

tudávamos Fernando Pessoa e seus heterônimos, e todos na sala escolheram Alberto Caeiro para dissertar, e eu, solitária e maliciosamente, escolhi Álvaro de Campos. Lembro-me de nossas participações no Diretório Acadêmico da FAFI. Lembro-me de minha atividade de jornalista lutando pela implantação do ensino superior no sul da Bahia através do Comitê Estudantil Pró-Universidade, presidido pelo hoje veterano professor Fernando Rios. Lembro-me de Ruy

disputado como professor de Português em colégios como a Divina Providência, o Gato de Botas, o Municipal de Almadina. E daí à carreira vitoriosa na antiga FAFI, depois FESPI e finalmente UESC, quando eu já transitava pelo Rio de Janeiro, onde Ruy me foi encontrar para cumprir com brilhantismo os créditos de seu Mestrado.

**Saúdo o intelectual,
o estudioso, o
artista, o educador,
mas sobretudo, o
indivíduo generoso,
o pesquisador,
o etnólogo, o
incentivador de
vocações, aquele que
galvaniza e concentra
a mais expressiva
de todas as virtudes
humanas: a sabedoria.**



Hoje o que aqui nos reúne ainda é a crença comum na fraternidade e no humanismo recalcitrantes. Porque acreditamos na cordialidade humana e no respeito às diferenças culturais e ideológicas, a despeito de braços decepados e jogados no esgoto e de seres queimados vivos, mutilados pelo fogo, por terem em suas contas bancárias quantias irrisórias. E eu confesso que caminho a passos largos rumo à convicção de nosso emparedamento, impossibilidade (melhor: impotência) nossa de cada dia, que começa por nossa infeliz desídia de tentar ser feliz, enquanto os mortos se acumulam à nossa porta, frequentando e tumultuando a nossa sala de estar. A infelicidade humana parece definitiva. E a única forma de resistir à era das atrocidades que nos acossa como réprobos parece ser mesmo continuar acreditando na amizade, que para o romano Cícero significava a perpetuação dos indivíduos e para Caetano Velloso e Rita Lee representa bem mais que um simples sentimento. Algumas diferenças me separam de Ruy Póvoas. Ruy é calmo e discreto e eu sou movido a paixões. Ruy conheceu ao menos duas das



mulheres com quem me casei. O único costume comum que tenho com Ruy é o consumo do rapé, que a mim me faz espirrar e aliviar as aflições da sinusite. No mais, Ruy não bebe e eu sou um dipsomaníaco juramentado, bebendo angústias em cada copo, o que me trouxe os males do acúmulo do ácido úrico. Ruy é cristão confesso e eu, comunista de carteirainha. Mas nos entendemos, capazes de longos silêncios quando, naquelas semanas terríveis, Ruy perdeu o pai, um irmão e o filho. Carpimos juntos aque-

las dores que, aliás, pertencem à humanidade inteira.

E quando hoje nos reunimos, confesso que convidaram o especialista em literatura e quem fala é o memorialista com brevê de piloto de provas numa fábrica de emoções. Saúdo não apenas o mestre de gerações. Saúdo o intelectual, o estudioso, o artista, o educador, mas sobretudo, o indivíduo generoso, o pesquisador, o etnólogo, o incentivador de vocações, aquele que galvaniza e concentra a mais expressiva de todas as virtudes humanas: a sabedoria.